Dia 27 — Santos Cosme e Damião, Mártires

Martirológio Romano

São Vicente de Paulo, em Paris, sacerdote e fundador da Congregação da Missão e das Filhas da Caridade, varão apostólico e pai dos pobres, cuja festa se celebra no dia 19 de julho. (Veja-se sua vida no dito dia.)

O martírio dos santos mártires Cosme e Damião, irmãos, em Égeas; os quais, na perseguição de Diocleciano, depois de haverem superado por virtude divina muitos tormentos, como cadeias e cárceres, submersão no mar, fogo, cruzes, pedras e setas, sobrevivendo milagrosamente a tudo isto, foram degolados. Diz-se que com eles padeceram também três irmãos seus chamados Antimo, Leôncio e Euprépio. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Santa Epicaris, mulher de um senador, em Roma; a qual, na mesma perseguição, depois de ser açoitada com cordas emplomadas, foi degolada.

Os santos mártires Fidêncio e Terêncio, em Todi, no tempo do imperador Diocleciano.

Os santos mártires Adulfo e João, irmãos, em Córdova; os quais, na perseguição dos árabes, foram coroados por Jesus Cristo. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

São Florentino, mártir, em Cemon, diocese de Autun; o qual, juntamente com São Hilário, depois de lhe cortarem a língua, foi degolado.

São Marcos, bispo de Biblos, na Fenícia, a quem o evangelista São Lucas chama também João. (Foi discípulo de Jesus Cristo e se diz que era parente de São Barnabé.)

São Caio, bispo, em Milão, discípulo do apóstolo São Barnabé: depois de haver padecido muitos trabalhos na perseguição de Nero, morreu em paz.

São Aderito, bispo e confessor, em Ravena.

São Eleázaro (ou Elzear), conde, em Paris. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Santa Hiltrudes, virgem, em Hainaut.

Santos Cosme e Damião, Mártires

São Cosme e São Damião foram irmãos, naturais da cidade de Éges ou Égeas, na Arábia. São Gregório de Tours é de opinião que foram gêmeos, de uma família distinta e considerável pelos grandes bens que possuía, mas muito mais pelo cristianismo que professava. Morto seu pai, achou-se sua mãe Teodora com cinco filhos: Antimo, Leôncio, Euprépio, Cosme e Damião, aos quais a piedosa viúva procurou dar uma cristã educação, não perdoando meio algum para consegui-lo. Pôde muito no ânimo e no coração dos filhos a virtude da mãe, cuja santa vida, fecunda em boas obras, lhe mereceu ser colocada pelos gregos em seu Menológio. Dotados Cosme e Damião de uma bela índole acompanhada de um engenho vivo, brilhante e muito superior ao dos demais irmãos, consideraram-se mais hábeis para dedicá-los ao estudo das ciências e das belas-artes. Fez a mãe tudo quanto pôde para cultivar sua capacidade e seus talentos. Foram rápidos os progressos que fizeram nas letras; mas sem atrasar-se um ponto no caminho da virtude. Honravam seus costumes a religião que professavam e até os mesmos pagãos não podiam deixar de venerar, admirar e amar sua bondade, seu desinteresse e sua inocência.

O zelo da fé, sempre engenhoso, os moveu a dedicar-se ao estudo da medicina. Vivendo num país onde esta faculdade estava abandonada, persuadiram-se de que, habilitando-se nela, lhes proporcionaria ocasião para insinuar-se com os gentios, instruí-los insensivelmente nas verdades de nossa Religião, dissipar suas preocupações; e, atendendo a curar as enfermidades do corpo, aplicar-se-iam com maior utilidade a livrá-los das doenças da alma.

Abençoou o Senhor seus zelosos intentos. Aventajaram-se tanto Cosme e Damião na penetração da natureza e da medicina que sua reputação os fez célebres em todo aquele país. Todos os enfermos acudiam a eles com firme esperança de recobrar sua saúde só com que lhes fizessem algumas visitas em sua enfermidade. Era cada dia maior sua reputação pelas admiráveis curas que faziam. É verdade que a santidade dos médicos comunicava especial virtude aos medicamentos, sendo maior o dom dos milagres que a ciência dos remédios naturais, pelo que não havia mal tão rebelde e tão violento que resistisse a sua curação, nem enfermo tão desenganado que não cobrasse a saúde à primeira visita de São Cosme e São Damião.

Davam princípio à cura fazendo uma breve, mas fervorosa oração; informavam-se depois da qualidade da alma; faziam sobre o enfermo o sinal da cruz e no mesmo instante cessavam as dores, desaparecia a febre, fugia a enfermidade e muitas vezes até os mesmos moribundos se achavam repentinamente com perfeita saúde. Já se deixa discorrer que a estas milagrosas curas se seguiriam numerosas conversões entre os gentios. Assim o desejo de sarar como o recobro da saúde inspiravam nos idólatras mais obstinados uma singular estima da religião cristã. Os cegos cobravam vista fazendo os santos Médicos o sinal da cruz sobre seus apagados olhos; os possessos se achavam livres, os paralíticos sãos, e todos conheciam que curas tão extraordinárias eram muito superiores à arte e à experiência natural. Aproveitavam-se nossos Santos com destreza da confiança que tinham neles os pagãos enfermos para tirá-los dos erros e das impiedades do

gentilismo; de sorte que os Médicos se converteram em dois insignes apóstolos. Era tão grande e tão sabido seu desinteresse que os gregos os chamavam *Anárgiros*, isto é, homens sem dinheiro, porque exerciam sua profissão gratuitamente, sem admitir coisa alguma de qualquer que fosse.

A fama de tantas maravilhas os fez mais célebres em todo o país; mas esta mesma reputação deu ocasião a seu martírio. Tomada a resolução de exterminar todos os Cristãos pelos imperadores Diocleciano e Maximiano, enviaram a Égeas o prefeito Lísias com ordem de não perdoar a suplícios nem a todo o rigor das leis para obrigar quantos fizessem profissão do cristianismo a sacrificar aos deuses do Império; e, em caso de resistência, fazê-los perecer à violência dos tormentos. Logo que chegou o Governador, informaram-lhe que nunca os deuses haviam tido inimigos mais mortais que dois célebres médicos, ou, por melhor dizer, dois insignes magos que corriam todas as cidades fazendo portentosas curas em favor de seus encantamentos; os quais, abusando da credulidade do vulgo ignorante, faziam tantos cristãos quantos eram os enfermos que visitavam; e que, se não se atalhava esta desordem, deixando-os continuar nela, muito em breve se faria cristão todo o país. Já se sabe que era comum e estranha preocupação dos gentios atribuir a efeitos da arte mágica todas as maravilhas que obravam os Cristãos. Movido Lísias deste informe, mandou prendê-los; e, fazendo-os comparecer diante de si, disse-lhes com um ar e com um tom capaz de intimidar os corações mais esforçados: «Logo vós sois aqueles dois famosos embusteiros que andais pelas cidades e províncias sublevando os povos com vossos encantamentos e alvoroçando-os contra os deuses do Império para colocar em seu lugar e fazer-lhes adorar como Deus a um homem que por sentença de juiz foi pendurado de um infame madeiro. Tende entendido que, se desde este mesmo ponto não renunciais a esse Deus crucificado e não obedeceis aos editos dos Imperadores, não haverá suplício que não vos faça sofrer para reduzir-vos a vosso dever. De onde sois? Que ofício professais? Qual é vossa família?»

«Senhor, responderam os dois Santos com tom firme, mas respeitoso, os dois somos irmãos, naturais da Arábia; e temos a dita de ser cristãos, como também outros três irmãos nossos e toda a nossa família. Somos cavaleiros e médicos de profissão, incapazes de enganar a ninguém. A nenhuma cidade nem província vamos aonde não sejamos chamados. Não exercemos a medicina por interesse; nada admitimos de enfermo algum; mas, dando a saúde aos enfermos mais pela virtude de Jesus Cristo que por nossa ciência, procuramos ao mesmo tempo sará-los da cegueira da alma, fazendo-lhes conhecer que não há mais que um só Deus verdadeiro, a saber, o que nós adoramos, e que os chamados deuses do Império são infames demônios que têm enganados os povos.»

Ficou surpreendido o Governador ao ouvir uma resposta tão discreta como moderada; neutral entre a cólera e o aplauso de sua cordura e de sua moderação, não sabia a qual dos dois afetos inclinar-se. Estava bem informado das portentosas curas que haviam feito e não ignorava que universalmente eram reputadas por prodígios superiores à natureza mais que por efeitos da arte; mas em meio a isso o temor de perder a graça dos Imperadores o determinou ao partido da severidade. Mandou-lhes que fizessem vir seus irmãos e, logo que os viu em seu tribunal, exortou-os fortemente a que não se obstinassem em ser rebeldes às ordens dos Imperadores. «Sois nobres, disse-lhes, sois jovens, e eu tenho ordem de nossos soberanos para oferecer-vos seu favor e os primeiros cargos do Império se vos rendeis a sua vontade. É mister sacrificar aos deuses e renunciar às incompreensíveis quimeras de vossa religião cristã. Não vos encapricheis em perder-

vos a vós e a toda a vossa família; escolhei uma de duas: ou viver tributando culto aos ídolos, ou morrer ao rigor dos mais cruéis tormentos; pensai-o bem.» — «Já o temos bem pensado, responderam os Santos; teus tormentos não nos põem medo; prontos estamos a dar nossa vida por nossa Religião; não tens que esperar outra resposta de nós.»

Tampouco a esperou Lísias, porque no mesmo ponto lhes mandou aplicar à tortura. Não os espantou este cruel suplício. «Se tens outros tormentos que fazer-nos padecer, disseram-lhe os dois Santos, não tens mais que pô-los em execução. Estamos seguros de que a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo nos dará forças para sofrê-los não só com paciência, mas também com alegria.» Com efeito, havendo saído da tortura sem experimentar o mais leve dano, deu ordem o Governador para que, atados de pés e mãos, os arrojassem no mar; mas um Anjo lhes rompeu as ataduras e os pôs sãos e salvos na ribeira. À vista desta maravilha mostrou o Juiz abrandar-se algum tanto e lhes perguntou em tom amistoso com que gênero de encantos ou de sortilégios obravam aqueles prodígios. «Senhor, responderam-lhe os santos irmãos, ignoramos absolutamente toda espécie de sortilégios: os demônios nos temem em lugar de servir-nos. Somos cristãos: só em virtude do nome de Jesus Cristo e de sua soberana proteção triunfamos de todos os vossos suplícios; nem todos os vossos imaginários deuses nem todo o inferno junto é capaz de resistir só ao sinal da cruz do Salvador em quem pomos toda a nossa confiança.» — «Pois eu ponho toda a minha, replicou Lísias, em nosso deus Apolo, e me atrevo a fazer os mesmos prodígios em seu nome.» No mesmo instante foi castigada esta blasfêmia; porque dois demônios invisíveis começaram a golpeá-lo tão cruelmente que teria expirado à violência dos golpes se nossos Santos, movidos de compaixão, não houvessem feito oração, livrando-o daqueles demônios em nome de Jesus Cristo. Aproveitando-se os Santos desta maravilha e do benefício que Lísias acabava de receber, disseram-lhe: «À vista desta graça, duvidarás ainda do poder de nosso Deus e te obstinarás ainda em tua infidelidade? Recebeste alguma vez semelhante benefício de teus ídolos? Fizeste experiência de seu poder? Renuncia, pois, ao culto desses infelizes, que, ainda mais fracos e mais miseráveis que tu, não têm poder para livrar-se a si mesmos dos eternos tormentos que padecem por suas maldades; e, abrindo os olhos à verdade, reconhece a onipotente virtude do verdadeiro Deus, único objeto digno de tuas adorações.»

Mostrou-se o Governador insensível a tão justas admoestações e, sem responder-lhes palavra, contentou-se com mandar que os voltassem ao cárcere. Temerosos os gentios de que Lísias se fizesse cristão, falaram-lhe com tanta resolução e o ameaçaram tão furiosamente com a indignação dos Imperadores que no dia imediato os fez comparecer ante si; e, perguntando-lhes com fereza se persistiam sempre em sua primeira obstinação, achando-os imóveis na confissão de sua fé, mandou acender uma grande fogueira de sarmentos e arrojá-los nela; mas saíram deste suplício tão sem lesão e tão indenes como de todos os demais. Furioso então o Governador, deu ordem para que, amarrando cada um a um grosso tronco, quatro companhias de soldados disparassem contra os dois Santos todas as suas setas; mas a mão poderosa do Senhor, que queria confundir a obstinação do tirano e de todos os gentios, os fez invulneráveis; e, dispondo que toda aquela espessa nuvem de dardos retrocedesse com violência para os circunstantes, custou a muitos a vida. Causou este sucesso tanto alvoroço em toda a cidade que o Governador se viu obrigado a mandar que imediatamente lhes cortassem a cabeça. Puseram-se em oração São Cosme e São Damião e suplicaram humildemente ao Senhor que se dignasse admitir seu sacrifício e não permitisse com outro novo milagre que se estorvasse a execução da sentença. Foi ouvida

sua oração e ao primeiro golpe caíram em terra suas cabeças. Foram coroados do martírio no dia 27 de setembro do ano 285; e se crê que os outros três irmãos lograram a mesma ditosa sorte.

A maior parte de suas santas relíquias foram com o tempo levadas a Roma e depositadas numa formosa igreja que São Félix, papa, bisavô de São Gregório Magno, mandou edificar em honra dos santos Mártires. Um cavaleiro francês, chamado Beaumont, que no tempo das Cruzadas foi ao socorro da Terra Santa, trouxe o resto das relíquias de São Cosme e São Damião e as colocou numa magnífica igreja que em honra sua mandou fabricar em Luzarches; e destas se tiraram as que se conservam em Paris e em outras partes.

Santos Adulfo e João, Mártires

Ainda que a injúria do tempo roubou à posteridade as atas que o esclarecido abade Esperaindeo escreveu com estilo elegante de São Adulfo e de São João, protomártires da sangrenta perseguição que Abderramão, rei de Córdova, moveu contra os Cristãos nos princípios de seu império, com tudo, pelo que nos diz Santo Eulógio no *Memorial dos Mártires de Córdova*, remetendo-se ao testemunho de seu mestre, a quem chama o ilustríssimo doutor e grande luminar da Igreja da Espanha, sabemos que ambos os heróis triunfaram dos inimigos de Jesus Cristo, servindo seu exemplo para alentar a muitos cristãos débeis a que dessem iguais provas de sua fé. Nasceram ambos em Sevilha ou em sua diocese, de pais nobilíssimos, ainda que desiguais em religião, cuja conjunção não era estranha naqueles séculos calamitosos, nos quais viviam os fiéis misturados com os maometanos, como hoje sucede nos países em que se professam seitas diferentes. O pai de nossos Santos era mouro, e sua mãe Artêmia era cristã. Quis esta encarregar-se por si da educação de Adulfo, de João e de Santa Áurea (cuja vida e martírio deixamos já escrita entre as do dia 19 de julho), que foram os três frutos de bênção que lhes concedeu o céu para que enobrecessem a Igreja; e, mamando estes com o leite as piedosas máximas de nossa santa Religião, não foram capazes para separá-los dela a força, os rogos nem as persuasões de seus parentes, as ameaças dos juízes nem até a mesma morte.

Morto o pai dos bem-aventurados Mártires, resolveu Artêmia retirar-se aonde pudesse com liberdade praticar os exercícios da religião que professava. Soube que em Córdova gozavam este indulto os Cristãos à custa dos crescidos tributos que lhes exigiam os mouros e, passando a ela com seus três filhos, encerrou-se no mosteiro de Santa Maria de Cuteclara, onde foi prelada e mestra de São Valabonso e de sua irmã Santa Maria, e de muitos confessores que naqueles tempos derramaram seu sangue em defesa do Evangelho.

Não podiam tolerar os parentes de Sevilha por parte do pai que os dois ilustres irmãos professassem a religião cristã, crendo que nisto infamavam a nobreza de seus ascendentes; e, para estorvá-lo, valeram-se dos consanguíneos que tinham em Córdova, a fim de que lhes aconselhassem secretamente que seguissem a lei de seu pai, sob pena de delatá-los à justiça em caso de não fazê-lo assim, para que os castigasse por desertores da religião que haviam professado todos os seus maiores. Ouviram Adulfo e João a admoestação de seus parentes com o maior desprezo, fazendo-lhes ver que estavam dispostos a padecer todos os castigos que

pudessem discorrer os árabes antes que separar-se da religião cristã; e, ressentidos aqueles de semelhante resposta, recorreram ao juiz maometano, ponderando-lhe a teimosia dos dois irmãos, os quais se mantinham inflexíveis a suas admoestações sobre que seguissem a lei de seus ascendentes, pelo que pediam que se os castigasse com toda a severidade. O juiz não ouviu com indiferença a acusação, antes bem, zeloso da honra que resultava a seu profeta, mandou a seus ministros que os trouxessem ante seu tribunal, onde os repreendeu desta forma: «Varões nobres, que gozais por vosso pai esta qualidade, com que direito seguis a lei de vossa mãe, não querendo ilustrar-vos com a que professou aquele, manchando vossa ilustre prosápia com uma torpe religião? Se o esplendor paterno vos enobrece, por que não condecorais vossas ações com sua fé? Decreto é dos árabes que o filho que se ilustra com a honra do pai siga sua religião; sob cujo suposto resolvei: ou abraçar a lei que professou vosso pai, ou dispor-vos para uma morte infame.»

Cria o juiz que semelhante repreensão faria força aos dois ilustres Confessores de Jesus Cristo; mas ficou cheio de confusão quando lhe responderam com aquele valor e com aquela fortaleza que é característica dos heróis do cristianismo: «Nenhum homem se enobrece com a qualidade que o conduz a sua eterna perdição: por que razão havemos de seguir a lei de nosso pai, quando é um contexto de patranhas e de falsidades? O esplendor de nossa prosápia deve ceder à virtude e a nobreza de nossos ascendentes à verdade que ensina a religião de Jesus Cristo, que é o que enobrece seus crentes e faz reinar os que o servem. Nós abraçamos esta lei desde nossos primeiros anos e a veneramos como justa e santa, pois tudo quanto não é conforme a ela é notoriamente falso e não procede de Deus; por esta confissão, desde agora pomos a tua disposição nossos corpos, sobre os quais somente têm poder as potestades do mundo, renunciando a todos os brasões da caduca nobreza que ponderas.»

Não é fácil manifestar a cólera que concebeu o juiz ao ouvir uma resposta tão generosa; e, vendo inúteis todos os seus esforços para perverter os dois jovens, tão constantes na fé como ansiosos de padecer por amor de Jesus Cristo, sentenciou-os a pena capital. Executou-se a injusta providência no dia 28 de setembro pelos anos 824 ou 25, segundo o cômputo mais conforme ao tempo em que assinala seu martírio Santo Eulógio, que foi nos princípios do reinado de Abderramão; bem que Usuardo, Maurolico e Barônio fazem memória deles no dia 27 de setembro.

Seus veneráveis corpos foram recolhidos pelos Cristãos numa noite tenebrosa e sepultados na igreja de São Cipriano. Disto faz memória Mabillon falando da trasladação dos santos Jorge e Aurélio de Córdova a Paris.

São Simeão Metafraste, Confessor

O profeta Jeremias teve um escritor, segundo refere São Jerônimo, que foi Baruc, o qual, de escritor de profeta, veio a ser profeta. Assim São Simeão Metafraste, de escritor de Santos, veio a ser Santo. Certamente não há palavras bastantes para louvar dignamente este santo varão, porque não só foi adornado de eloquência e de alto e delicado entendimento, mas de uma alma tão adornada de virtudes que deu exemplo a outros de todas elas. Nasceu em Constantinopla e desde pequenino deu mostra de quão grande havia de ser. Estudou retórica e filosofia; e, por serem estas

duas faculdades e ciências em que os sábios de seu tempo procuravam assinalar-se, uns numa e outros na outra, ele abraçou as duas e quis juntamente assinalar-se nelas; e assim foi que na filosofia se assinalou por ser seu entendimento felicíssimo e na retórica se assinalou por ser sua língua dulcíssima. Foi muito querido e estimado do Imperador, que se aproveitou de sua sabedoria nos negócios graves tocantes ao império e de sua pessoa no governo da república e administração de justiça.

Haviam já cessado em seu tempo as perseguições que a Igreja católica padeceu dos tiranos e estavam os fiéis desejosos de saber em particular o que muitos santos Mártires padeceram, seus atrozes tormentos e suas mortes crudelíssimas. Alguns autores pretenderam escrever deles; e os livros que deles andavam eram faltos: uns na verdade, porque os escritores não puderam fazer as exquisitas diligências necessárias para dizer o certo; outros, ainda que escreviam coisas certas, era com palavras tão toscas e mal concertadas que causavam irrisão e não devoção aos leitores. Procurou remediar este dano nosso São Simeão e remediou-o; porque, como pessoa poderosa e que tinha privança com o Imperador, pôde saber a verdade do que escreveu, não perdoando para isto diligência nem trabalho, juntando revelações de varões fidedignos, livros e memoriais de autores graves. Acrescentou-se a isto, para remédio do outro dano, que com sua retórica e doce dizer pôs o que escreveu em tão bom estilo que deleita os leitores com sua doçura; e, com estar certos de que escreve verdade, lhes move, pelo que são aproveitados. Ocupado este servo de Deus em tais exercícios, sendo sua vida sem repreensão, amando as virtudes, entre todas especialmente a castidade, trocou esta vida do chão pela do céu; e foi seu corpo sepultado com grande majestade e pompa: sucedendo, para mostra da vida que havia vivido e quão grata alma havia sido para Deus, que seu sepulcro por muitos dias deu odor suavíssimo, com admiração dos que dele participavam. Até aqui é de Psello. Seu trânsito foi em tal dia como hoje, e, ainda que não se sabe precisamente o ano, conjetura-se com fundamento que aconteceu poucos anos depois do de 620. Deste Santo faz menção o concílio Ferrariense e Florentino na sess. 7, Nicéforo Calisto, liv. 4, cap. 51.

Santo Elzear ou Eleázaro, Conde de Arian, e Santa Delfina

Santo Elzear nasceu em Ansouis, castelo de seu pai na diocese de Apt, no ano de 1295. Imediatamente depois de seu nascimento, tomando-o em seus braços sua mãe, Landana de Albes, ofereceu-o a Deus, pedindo-lhe que antes o tirasse deste mundo que permitir que aquele filho que lhe dava caísse na escravidão do demônio pelo pecado. O terno infante recebeu as primeiras impressões da virtude e piedade de sua própria mãe, as quais, ao sair da infância, aperfeiçoou seu religioso tio Guilherme de Sabran, abade de São Vítor em Marselha, que cuidou de sua educação. Em sua idade terna era já um modelo cabal de penitência, de maneira que seu tio teve que repreendê-lo severamente, não obstante que para si admirava com gosto o fervor daquele menino tão bem inclinado.

Dez anos não mais tinha Elzear quando Carlos II, rei da Sicília e conde de Provença, lhe mandou que casasse com Delfina de Glandèves, filha de Lor de Puimichel, não tendo esta mais que doze anos de idade; mas ambos os esposos convieram secretamente em viver só como irmãos. Com as austeridades a que ambos se entregavam revivia o exemplo dos antigos Padres do deserto. À idade de vinte e três anos ficou o Santo único herdeiro do condado e da imensa fortuna de seus pais e todas estas vantagens as olhou sempre como outros tantos instrumentos postos em suas mãos para socorrer as necessidades dos pobres e promover a glória de Deus. Os bens eternos eram o único objeto de seus desejos.

É um erro muito perigoso imaginar que para ser devoto é necessário gastar muito tempo em oração e que os devotos podem incorrer em desídia e descuido das obrigações temporais; quando, pelo contrário, só a verdadeira virtude é a única capaz de fazer que estas se desempenhem bem. A virtude ensinou a Abraão, Isaac e Jacó a ser cuidadosos administradores de suas coisas e exatos pais de família. Do mesmo modo São Elzear com sua piedade se fez prudente no manejo de seus negócios temporais, de maneira que, quando principiou a mandar em casa própria, estabeleceu os seguintes preceitos:

«1.º Todos os de minha família ouvirão missa todos os dias, tenham os negócios e ocupações que tiverem. Nada faltará em minha casa como Deus esteja bem servido. — 2.º Ninguém jure, amaldiçoe nem blasfeme, sob a pena de ser severamente castigado e lançado depois de minha família ignominiosamente. — 3.º Honrem todos a castidade: e não creiam que há de ficar impune em casa de Elzear a mais leve impureza de palavra nem de obra. Não se espere semelhante coisa de mim. — 4.º Todos, homens e mulheres, confessem seus pecados cada semana; e ninguém seja tão desditoso que deixe de comungar em todas as festividades principais. — 5.º Ninguém seja ocioso em minha casa. A primeira coisa que se há de fazer todas as manhãs é levantar o coração a Deus: depois vá cada um a seu destino, os homens fora e as mulheres em casa. Pela manhã se concederá à meditação um pouco mais de tempo; mas muito longe daqueles que gastam o mais na igreja faltando a suas obrigações. Isto o fazem não porque amam a contemplação, mas porque querem que suas obras as façam outros por eles. A vida de uma mulher piedosa, segundo a descreve o Espírito Santo, não é somente orar bem, mas ser modesta e obediente, aplicar-se diligentemente a sua labor e ter cuidado de sua casa. As damas lerão e meditarão pela manhã, mas as tardes as gastarão em alguma labor. — 6.º Não se permitirão jogos de sorte nem de dados. Há mil diversões inocentes, ainda que o tempo passa bem depressa sem necessidade de passatempo. Não obstante, não desejo que minha casa seja como um claustro nem minha família eremitas. Alegrem-se e divirtam-se a ratos; mas nunca à custa da consciência nem com perigo de ofender a Deus. — 7.º Mantenha-se perpetuamente a paz em minha família. Onde reina a paz ali habita Deus. Qualquer que sirva bem a Deus será amado de mim; mas jamais sofrerei o que se declare inimigo de Deus. Todo o que não teme a Deus não pode ser de confiança para seu amo ou senhor; porque é muito fácil que faça presa de seus bens. Entre gente semelhante está o dono como numa trincheira cercada por todas as partes do inimigo. — 8.º Se acontece algum distúrbio ou disputa, eu observarei invioladamente o preceito do Apóstolo de que não se ponha o sol sem ficar reconciliados; mas no instante em que isto suceda, fique todo ressentimento no sepulcro do esquecimento. Conheço o impossível que é viver entre homens e não ter às vezes que sofrer. Apenas pode estar um homem invariável um dia inteiro; e, se o assalta humor melancólico, não saberá ele mesmo o que lhe passa. Não querer perdoar a outro é um intento diabólico; mas amar o

inimigo e fazer bem por mal é a verdadeira pedra de toque dos filhos de Deus. A semelhantes criados estará sempre aberta minha casa, minha bolsa e meu coração: eu quero olhá-los como amos meus. — 9.º Todas as tardes se juntará minha família a uma conferência piedosa, em que ouvirão às vezes falar de Deus, da salvação das almas e das vantagens do paraíso. Ninguém falte a esta conferência com pretexto de atender a meu serviço: não tenho eu negócio de tanta importância que interesse mais a meu coração que a salvação dos que me servem. Eles se entregaram a mim, e eu entrego tudo a Deus: amos, criados e quanto esteja em minha potestade. — 10.º Mando severamente que nenhum dependente de minha jurisdição ouse injuriar a outro de palavra nem de obra em seus bens, honra ou reputação, nem oprima sua pessoa com o pretexto de que nisso cumpre com meu serviço. Eu não quero encher meus cofres esvaziando impiamente os alheios, nem sangrando as veias do próximo, nem tirando a medula dos ossos do pobre. Estes criados sanguessugas que chupam o sangue alheio são uns iníquos que se fazem mal a si mesmos e a seus donos. Pois quê, um senhor que dá seis ou sete moedas de esmola limpa as manchas daquele servo que despedaçou as entranhas do pobre, cujos clamores por vingança chegam até os céus? Eu iria mais bem nu ao paraíso que vestido de ouro e escarlate arrastando ao inferno como o rico avarento. Bastante ricos seremos se temos a Deus. Uma fortuna adquirida com injustiça ou com opressão será como um fogo escondido debaixo da terra, que irá consumindo, devorando e abrasando tudo. Volte-se quadruplicado quanto saibamos que tenhamos tido de outros: e sejam públicas minhas diligências para isso, porque, se alguém tem que pedir-me, faça-o naquela suposição. O homem que tem um tesouro no céu pode apetecer a miséria da terra? Nu saí do ventre de minha mãe, e nu hei de voltar ao seio comum de nossa mãe a terra. E hei de aventurar eu a salvação de toda a eternidade pelo curto espaço que medeia entre uma tumba e outra? Se isto fosse assim, a fé, a virtude e a razão se eclipsariam inteiramente para mim e não haveria um vislumbre de entendimento.»

São Elzear era o primeiro que dava o exemplo das regras que prescrevia a outros. Delfina por sua parte contribuía igualmente a encher todas as suas miras e lhe estava perfeitamente obediente. A piedosa Condessa conhecia muito bem que as devoções de uma mulher casada deviam ordenar-se de outro modo que as de uma pessoa religiosa: que a contemplação é a irmã da oração e da ação, e que Marta e Maria devem ajudar-se reciprocamente. Amava a seus criados como a filhos, e estes a honravam como a mãe e como a santa.

Depois da morte de seu pai viu-se obrigado Elzear a passar ao reino de Nápoles para tomar posse do condado de Arian. Mas, inclinado o povo em favor da casa de Aragão contra o francês, rebelou-se contra seu jovem senhor, e seus vassalos recusaram reconhecê-lo. O Santo contrastou sua rebelião por espaço de três anos com as só armas da mansidão e da paciência. Contestou certo dia a seu primo o príncipe de Tarento, que lhe pedia licença para sujeitar e castigar os rebeldes: «Eu vencerei estes homens com benefícios: não é grande façanha a de um leão despedaçar uns cordeiros; mas que um cordeiro faça em pedaços os leões, isso sim que é admirável; pois com a ajuda de Deus muito logo vereis praticamente o milagre.» O resultado verificou sua predição, porque os habitantes de Arian, envergonhando-se por fim de sua rebelião, não só convidaram Elzear a tomar posse de seu território, mas depois o honraram e veneraram como a Santo.

Entre os papéis de seu pai achou o bom Conde as cartas de um oficial seu, cheias de calúnias contra ele, tratando de persuadir a seu pai que o deserdasse, pois era mais a propósito para ser

monge que para levar as armas. Lembrando-se São Elzear de que Cristo lhe mandava perdoar e não vingar as injúrias, rompeu imediatamente as cartas e, quando este oficial ia a seu quarto a fazer-lhe a corte, abraçava-o afetuosamente, dava-lhe também presentes e assim ganhou por fim seu afeto de tal modo que daí em diante o oficial se oferecia a ser feito em pedaços em serviço seu. Estabeleceu em Arian uma rígida administração de justiça e castigava os delitos sem comiseração. Visitava os malfeitores condenados à morte; e muitos que haviam permanecido insensíveis aos sacerdotes, com suas exortações se moviam a sincera compunção e a aceitar o castigo com espírito de penitência. Mas, quando lhes eram confiscados os bens, restituía-os secretamente a suas viúvas ou a seus filhos, ou bem cuidava de prover a sua subsistência e educação quando eram pobres.

O rei Roberto, depois de haver-lhe conferido a ordem de cavalaria, elegeu-o para aio de seu filho Carlos, duque da Calábria; e com seu zelo e diligência corrigiu os vícios de seu pupilo, que se fez um príncipe grave e virtuoso.

O imperador Henrique VII invadiu Nápoles com um exército poderoso: o rei Roberto enviou contra ele seu irmão João e o conde Elzear com todas as tropas que pôde juntar em seus domínios. Travaram-se duas sangrentas batalhas, em que foi sempre Henrique derrotado, especialmente pelo valor de Elzear, de modo que o Imperador se viu obrigado a solicitar a paz. O rei Roberto, derramando lágrimas de alegria, fez então ricos presentes a Elzear, que aceitou com uma mão por não desairar seu Soberano e distribuiu com a outra por consolar seus pobres. Toda a corte admirava um príncipe que era a um tempo um grande soldado, hábil cortesão, casado, virgem e santo. O mesmo Rei enviou logo Elzear por embaixador a Paris a pedir a Carlos IV Maria, filha do conde de Valois, para mulher do duque da Calábria. Concluído o tratado foi admitido na corte o bom Conde não só com a maior honra, mas com veneração e como um Santo em vida.

Neste tempo caiu enfermo o Embaixador e, como se agravasse a enfermidade, fez uma confissão geral com o provincial de São Francisco, cujo hábito havia o santo Conde tomado na terceira Ordem, recebeu o Viático e a Extrema-Unção com alegria e, depois de uma agonia penosa, expirou em tal dia como hoje pelos anos de 1323, aos vinte e oito de sua idade. Os príncipes e reis da França e de Nápoles choraram publicamente sua morte; e seu corpo foi conduzido a Apt, segundo sua disposição. Por ordem do papa Clemente VI fizeram-se as informações jurídicas de milagres, e Urbano V assinou o decreto de sua canonização, que não foi publicado até o ano de 1369 por Gregório XI, quarenta e seis anos depois da morte do Santo, vivendo ainda sua esposa Delfina.

Os reis de Nápoles não consentiram de nenhum modo que a santa Condessa deixasse sua corte, à qual servia de modelo de piedade. Mas, morto o rei Roberto, a rainha Sancha, filha do rei de Maiorca, tomou o hábito de Santa Clara no mosteiro fundado por ela mesma em Nápoles, onde viveu dez anos tendo a seu lado sua amada Delfina. Depois da morte desta Princesa, Delfina voltou à Provença e passou a vida de reclusa no castelo de Ansouis, nas heroicas práticas de penitência, caridade, contínua oração e todas as virtudes. Morreu em Apt no ano de 1369, aos setenta e seis de sua idade, no dia 26 de setembro, em que se faz menção dela no Martirológio franciscano. Suas relíquias mortais foram depositadas no mesmo sepulcro de São Elzear. (Butler.)

Missa (oração)

A missa é em honra dos santos Cosme e Damião, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Præsta, quæsumus, omnipotens Deus, ut qui sanctorum martyrum tuorum Cosmæ et Damiani natalitia colimus, a cunctis malis imminentibus, eorum intercessionibus liberemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Concedei-nos, ó Deus onipotente, que, quando celebramos o nascimento para a glória de vossos santos mártires Cosme e Damião, nos livremos por sua intercessão de todos os males que nos ameaçam. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 5 do livro da Sabedoria.

Sabedoria 5,16-20

> **Latim:** [16] Justi autem in perpetuum vivent, et apud Dominum est merces eorum, et cogitatio illorum apud Altissimum. [17] Ideo accipient regnum decoris, et diadema speciei de manu Domini : quoniam dextera sua teget eos, et brachio sancto suo defendet illos. [18] Accipiet armaturam zelus illius, et armabit creaturam ad ultionem inimicorum. [19] Induet pro thorace justitiam, et accipiet pro galea judicium certum ; [20] sumet scutum inexpugnabile æquitatem.

Português: [16] Mas os justos viverão para sempre, e a sua recompensa está no Senhor, e o pensamento dêles no Altíssimo. [17] Portanto receberão da mão do Senhor um reino de honra, e um diadema de formosura: Porque os protegerá com a sua destra, e com o seu santo braço os defenderá. [18] O seu zelo se vestirá de todas as suas armas: E ele armará as suas criaturas para se vingar de seus inimigos. [19] Tomará por couraça a justiça, e por capacete a inteireza do seu juízo: [20] Embraçará a eqüidade como escudo inexpugnável:

Reflexões

E o Altíssimo tem cuidado deles. Que lhe pode faltar àquele a quem Deus toma por sua conta? Que terá que temer? «Se Deus está por nós, diz o Apóstolo, quem nos poderá danar?» Ainda que toda a terra se levantasse contra um homem que está debaixo da proteção de Deus, ainda que todo o inferno junto conspirasse contra ele, que podia temer? É José vendido aos ismaelitas por seus próprios irmãos: o mesmo amo que o compra o faz encerrar num profundo calabouço. Quem não qualificaria da maior extravagância o pensamento ou a ocorrência que tivesse alguém de que aquele estrangeiro desconhecido, aquele escravo, aquele pobre delinquente, metido como tal entre quatro lôbregas paredes, algum dia havia de ser o árbitro, a segunda pessoa de todo o Egito? Não obstante, tomou-o Deus a seu cuidado: pois, por mais que o caluniem, por mais que o desprezem, por mais que lhe formem processo, José sairá da prisão pouco menos que para subir sobre o trono. Que proteção mais eficaz que a do Senhor todo-poderoso? Onde há abrigo mais a coberto de toda tempestade? Nem os reveses de fortuna, nem as desgraças das famílias e dos Estados, nem os acidentes mais dolorosos, nem os sucessos mais funestos e mais estranhos, nada pode alterar a felicidade nem obscurecer a glória do que está a cargo de Deus; e esta é a sorte do homem justo. Os pobres gemem, as pessoas de nascimento obscuro, de condição humilde, de espírito e de talentos limitados estão sem apoio, vivem esquecidas ou desatendidas num desprezo universal; não importa: sejam amigos do Altíssimo, vivam inocentemente, sejam justos, que Deus cuidará deles. Apesar de toda a prosperidade, de toda a abundância, de todo o esplendor dos grandes do mundo, o homem justo é cem vezes mais feliz que eles. Em nossa mão está fazer esta doce experiência.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 6 de São Lucas.

Lucas 6,17-23

> **Latim:** 17 Et descendens cum illis, stetit in loco campestri, et turba discipulorum ejus, et multitudo copiosa plebis ab omni Judæa, et Jerusalem, et maritima, et Tyri, et Sidonis, 18 qui venerant ut audirent eum, et sanarentur a languoribus suis. Et qui vexabantur a spiritibus immundis, curabantur. 19 Et omnis turba quærebat eum tangere : quia virtus de illo exibat, et sanabat omnes. 20 Et ipse elevatis oculis in discipulis suis, dicebat : Beati pauperes, quia vestrum est regnum Dei. 21 Beati qui nunc esuritis, quia saturabimini. Beati qui nunc fletis, quia ridebitis. 22 Beati eritis cum vos oderint homines, et cum separaverint vos, et exprobraverint, et ejicerint nomen vestrum tamquam malum propter Filium hominis. 23 Gaudete in illa die, et exsultate : ecce enim merces vestra multa est in cælo : secundum hæc enim faciebant prophetis patres eorum.

Português: [17] Descendo depois com elles, parou numa planice, acompanhado da comitiva de seus discípulos, e de grande multidão de povo de toda a Judéa, e de Jerusalem, e das terras marítimas assim de Tyro, como de Sidonia, [18] que tinham concorrido a ouvillo, e para que os sarasse das suas enfermidades. E os que erão vexados dos espíritos inmundos, ficavão saós. [19] E todo o povo fazia diligencia por tocallo: pois sahia d'elle huma virtude, que os curava a todos. [20] E levantando elle os olhos para seus discípulos, dizia: Bemaventurados vós os pobres: porque voss he o reino de Deos. [21] Bemaventurados os que agora tendes fome: porque vós sereis fartos. Bemaventurados os que agora chorais: porque vós vos rireis. [22] Bemaventurados sereis quando os homens vos aborecerem, e quando vos separarem, e carregarem de injúrias, e rejcitarem o vosso nome como máo, por causa do Filho do homem. [23] Folgai naquelle dia, e exultai: porque olhai, grande he o vosso galdão no ceo: porque d'esta maneira tratavão aos profetas os pais d'-elles.

Meditação

Sobre a solidão interior

Primeiro ponto

Considera que basta o exemplo de Cristo para que compreendamos as utilidades e a necessidade da solidão interior. Não houve Santo que não a compreendesse, nem há pessoa solidamente espiritual que não a compreenda; sem dúvida que, para convencer-nos disto mesmo, o Salvador do mundo (que certamente não tinha necessidade de retirar-se do comércio dos homens nem da multidão para estar recolhido) quis desviar-se tantas vezes ao monte e à solidão para orar ou, por melhor dizer, para dar-nos a importante lição de que, para meditar bem e para tomar o gosto às verdades da Religião, convinha afastar-se do tumulto do mundo: «Eu a levarei à solidão (diz da alma santa); eu a conduzirei ao retiro e naquela solidão, naquele lugar silencioso e sossegado, lhe falarei ao coração: ensinar-lhe-ei os grandes mistérios da Religião; farei experimentar-lhe devagar e a gosto a doçura de uma vida cristã.» Não houve Santo que não fosse amante do retiro: este amor povoou os desertos do Egito e da Palestina, e o mesmo amor está povoando todos os dias os mosteiros e claustros religiosos. Mas nem todos têm vocação de religiosos nem de eremitas, é verdade; mas a solidão de que agora vamos falando não está precisamente reservada aos desertos. Há uma solidão de coração e de espírito que convém a todos os estados, se adapta a todo gênero de pessoas, de condições, de sexos e de idades. Esta é absolutamente necessária para ser verdadeiramente devoto e para fazer algum progresso no caminho da virtude. É mister que a alma fabrique dentro do mesmo coração certa espécie de retiro onde, suspendendo, por assim dizer, todo comércio com os objetos criados e isento o coração da bulha e da inquietude das paixões, se recolha para viver tranquilo e sossegado. Nesta tranquilidade interior fala Deus à alma, e a alma ouve e entende a voz de seu Deus. Sem este recolhimento interior, sem esta solidão de coração está a alma tão dissipada que apenas pode perceber a voz do Esposo. Quando este chega e chama à meia-noite, só as fiéis e castas esposas que o esperam no silêncio e no sossego dela são admitidas ao divino banquete. Bom Deus, quantas reflexões oferecem estas verdades! E quão

instrutivas são estas reflexões!

Segundo ponto

Considera que nenhum ardil, nenhum artifício sai melhor ao demônio que o da dissipação interior e por isso mesmo é declarado inimigo do interior recolhimento. Sabe muito bem que, por inocente que alguém seja, por devoto que pareça e por grande que seja sua inclinação a todas as boas obras, a melhor vontade faz pouco ou nada, e as maiores graças são quase estéreis sem esta solidão, sem este recolhimento interior. Estas graças tão fecundas por si mesmas apenas produzem fruto se esta divina semente cai num lugar aberto e passageiro: os caminhantes a atropelam e as más ervas a sufocam. Estejas embora animado de todo o zelo possível, assim de tua perfeição como da dos próximos: pratica em boa hora todo gênero de devoções: logra embora quantos meios espirituais puderes desejar: tudo isto é excelente; mas tudo te será de pouca utilidade sem esta solidão da alma. É necessário que esta se reserve algum abrigo onde refugiar-se em meio às ruidosas ocupações, em meio aos embaraços do mundo. É mister fabricar dentro do próprio coração um oratório particular, segundo a lição que Jesus Cristo deu a Santa Catarina de Sena. Todas as meditações, reflexões e orações que se fazem neste oratório privado são de admirável eficácia. Nem todos podem ir enterrar-se vivos num deserto: nem todos são chamados ao encerro de uma religião: nem todos podem passar a vida em solidão e em retiro; mas ninguém, quer seja religioso, quer secular, se pode escusar deste recolhimento. Bom Deus, que de tesouros se ocultam nesta solidão interior! Quantas riquezas espirituais se logram quando se sabe encontrar este misterioso deserto! Nele se conserva aquela preciosa pureza; nele se adquire aquela mansidão, aquela paz inalterável; nele se aprende o espírito de virtude, de mortificação e de caridade; nele se encontra aquele gosto espiritual que faz doce e suave o jugo do Senhor; nele reina a paz e a caridade, que nenhum acidente altera; nele se fortifica a fé e cada dia se faz mais firme a esperança. Finalmente ali se acha a feliz perseverança que tudo coroa. Dignai-vos, Senhor, por vossa infinita misericórdia colocar-me nesta solidão interior, na qual quero viver e morrer.

Jaculatórias

Sim, meu Deus; afastei-me longe do tumulto do mundo e estou resolvido a manter-me toda a vida dentro do retiro de meu coração. (Sl 54.)

Isto está feito: jamais perderei de vista a meu Deus e a meu Senhor. (Sl 15.)

Propósitos

1. Solidão é o deserto e solidão é o claustro religioso; mas nem sempre são lugares de retiro e de recolhimento interior. Penetra até os mais horrorosos desertos a dissipação do espírito e o

derramamento do coração: nem o claustro é país desconhecido para ela. Assim como não há estado nem condição onde não se possa viver em solidão, assim tampouco há claustro nem deserto onde não possa estar o coração distraído e derramado. Alguns se veem que sempre o estão e que só mostram uma devoção ativa e buliçosa: muito de temer é que a estes tais lhes falte a devoção interior. Evita sempre essas erupções e exterioridades. Estejas embora pronto para todas as obras de virtude; mas nunca te entregues tão de todo à ação que percas de vista a solidão do coração. Quantos equivocam certa vivacidade e atividade natural com o verdadeiro fervor e com o verdadeiro zelo! Lembra-te de que o interior é a alma de toda devoção.

2. Os que trabalham na salvação dos próximos estão mais necessitados que outros desta importante lição. Acham-se certos operários apostólicos que estão inquietos se não fazem eles sós o que excede as forças de muitos; mas, se nessa imensa multidão de boas obras e de ministérios se esquecem de seu interior; se, com o especioso pretexto de suas ocupações, são menos observantes, faltando à disciplina religiosa; se fomentam seu amor-próprio e talvez também sua vaidade; se cevam a sensualidade e a delicadeza com pretexto de conservar uma saúde tão importante, muito é de temer que, salvando a outros, se percam a si mesmos. Para evitar este escolho, trabalha com zelo e com fervor na salvação do próximo; mas não descuides da tua, conservando sempre um espírito de solidão e um espírito interior.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:53:00 by Admin
Updated 20 November 2026 20:53:00 by Admin